

PROPOSTA DE RESOLUÇÃO PARA A XXI CONFERÊNCIA ESTADUAL DO PCdoB-RJ

FORTALECER O PARTIDO NA RESISTÊNCIA E CONSTRUIR UMA NOVA ALTERNATIVA PARA O POVO FLUMINENSE.

I) A crise do capitalismo e a transição na geopolítica internacional

1. Vive-se hoje a etapa do sistema do capitalismo financeirizado – sob a égide do capital a juros, do capital fictício e do rentismo. A financeirização impõe de forma sistêmica a subordinação do Estado, inclusive do seu orçamento e da sua dívida, aos desígnios da exclusiva valorização do capital (Como, por exemplo, a imposição de um Superávit primário, e do novo papel dos Bancos Centrais e o sistema previdenciário de capitalização privada). Como uma síntese, podemos dizer: As tecnologias da Quarta Revolução Industrial (QRI) – fruto do progresso científico e tecnológico, que poderiam produzir melhores condições de vida para o povo, não o fazendo em virtude das relações capitalistas - não são neutras, sendo utilizadas para impulsionar a dinâmica do capitalismo financeirizado. A Sociedade Capitalista Atual se compõe de Financeirização + Quarta Revolução Industrial = Capital valorizado/ Trabalho desvalorizado. Os bem-sucedidos são os detentores da riqueza financeira que acumula valor, produto do aumento da produtividade, sob a forma de capital fictício, que cresce com o lucro fictício – os possuidores de Títulos, os quais permitem direitos sobre a riqueza e a renda. Os mais fracos, por outro lado, vão sendo “liberados” do trabalho – sofrem ameaças permanentes de desemprego, da crescente precariedade das novas ocupações, da queda do salário real, do aumento exponencial da desigualdade e da exclusão social.

2. Nos países em desenvolvimento, com a financeirização, ocorre a destruição dos estados nacionais e consequente eliminação de políticas públicas, dos direitos e da cidadania. Aqui no Brasil, o que vemos, hoje, é um cenário de precarização laboral crescente, com um regime de trabalho intermitente, sem vínculo formal com as empresas, com perda completa de direitos e a vigência de um desemprego estrutural. Daí a aprovação da Reforma Trabalhista no Brasil, que vai em direção a esta nova forma de relação capital/trabalho. Somos reféns do capital financeiro, que se utiliza de agentes públicos no sistema de justiça e do autoritarismo para garantir sua agenda. Falta uma política industrial, de infraestrutura e de inovação que estruture um projeto nacional de desenvolvimento capaz de garantir emprego. Aqui, a exemplo do ocorrido em outros países, o uso ilegal e criminoso de dados privados de milhões de pessoas e redes sociais, com graves e decisivas consequências no processo eleitoral, continuam sendo utilizados para sustentação do governo, estimulando a polarização, ódio e preconceito na sociedade brasileira.

3. Ao contrário de análises que prognosticaram o fim da crise mundial capitalista, ela prossegue, sem fim à vista. Vários organismos internacionais preveem um desaquecimento da economia mundial. Segundo o IPEA (boletim nº 44/2019), a economia mundial continuou a exibir, no segundo trimestre do ano, sinais de desaceleração da atividade econômica. O Banco Mundial reduziu sua projeção para 2019 (2,6%) e para 2020 (2,7%). O comércio internacional, nos quatro primeiros meses de 2019, cresceu apenas 0,4%, em volume, contra os 4,1% de igual período de 2018. A guerra comercial, trazendo incertezas num mundo com cadeias de produção cada vez mais integradas, vem afetando o investimento. O Fundo Monetário Internacional (FMI) cortou sua estimativa para o crescimento global neste ano e no próximo. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê a maior desaceleração da economia mundial desde a crise 2008/2009. Para o Brasil, sua previsão de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) em 2019 foi reduzida de 1,4% para 0,8%, abaixo das projeções dos analistas do mercado brasileiro. Para 2020, Sua previsão para o PIB brasileiro foi revisada de 2,3% para 1,7%. De fato, há uma tendência geral à estagnação, que pode se converter em recessão.

4. A tendência a um mundo multipolar continua se fortalecendo. O imperialismo norte-americano não aceita o surgimento de outros polos, como China, União Europeia e Rússia; acirra o ataque aos países em desenvolvimento; gera tensão e impulsiona a disputa geopolítica - tensão e disputa que se transformam em guerras convencionais ou nas chamadas guerras híbridas. Esse acirramento marca as relações internacionais na atualidade. Na Europa, a ascensão da extrema-direita em vários países resultou em maior instabilidade como indicam a crise migratória, a crise do BREXIT no Reino Unido e, na Itália, o alijamento da extrema-direita, com o retorno da centro-esquerda ao governo. É destaque a vitória dos comunistas nas eleições parlamentares em Moscou:

saltaram de 05 para 13 das 45 cadeiras, enquanto – o partido de Putin sofreu revés, reduzindo de 38 para 26 sua bancada. Na América Latina, Trump tenta impor a restauração conservadora, mas vai encontrando resistência: No México, com Lopes Obrador, forças progressistas venceram as eleições. Emerge a possibilidade de vitória de forças progressistas nas eleições da Bolívia, do Uruguai e da Argentina (onde a oposição ganhou as prévias). E Cuba, apesar das pressões de Trump, reafirma sua resistência patriótica e revolucionária.

5. Nesse contexto, a política externa de Bolsonaro avilta a soberania nacional, afronta as tradições diplomáticas do país e reposiciona o Brasil no mundo no sentido da subordinação aos Estados Unidos, o que provoca contradições no âmbito das classes dominantes e da direita, em razão de interesses econômicos vinculados às relações com a China e outros países. A guerra comercial se reflete em nosso país: em uma postura autenticamente neocolonial, o vice-secretário assistente de Estado, L. Strayer foi direto: “caso o Brasil inclua empresas chinesas como a Huawei em sua rede 5G, os EUA podem reavaliar o compartilhamento de informações que mantém com o país”. (A Huawei fornece 50% dos equipamentos para as 7 maiores operadoras do país e o Vice-presidente Mourão se comprometeu a manter a relação com a Huawei). Acordos assimétricos, como o da União Europeia e o Mercosul, aprofundarão ainda mais a condição neocolonial. Bolsonaro se subordina à ofensiva desestabilizadora dos Estados Unidos contra Venezuela, Cuba, o Foro de São Paulo e os mecanismos de integração dos países latino-americanos. A contraofensiva estadunidense na região retoma a lógica da Doutrina Monroe e produz retrocessos no processo da acumulação alcançada com governos progressistas.

II) Balanço das lutas pela democracia

6. Desde o golpe de 2016, o PCdoB esteve na linha de frente da resistência em defesa da democracia, da soberania nacional e dos direitos do povo brasileiro, tanto em nível nacional, quanto aqui no estado do Rio de Janeiro, atuando em todos os campos da luta de classes: no terreno do movimentos populares e sociais, no terreno da luta de idéias e no campo da luta institucional e eleitoral. Nas eleições de 2018, atuou no sentido de construir blocos eleitorais democráticos amplos para barrar a ascensão das forças reacionárias. Assim, o PCdoB travou o bom combate e adotou uma orientação política justa na disputa presidencial de 2018. O partido fortaleceu seu protagonismo com a candidatura própria para presidente e, posteriormente a vice-presidente, de Manuela D'Ávila. Elegeu 9 deputados federais e 21 estaduais. Elegeu 2 vice-governadores, Luciana Santos (PE) e Antenor Roberto (RN). A principal vitória foi a reeleição do governador do Estado do Maranhão, Flávio Dino. E o grande revés foi não ter alcançado a cláusula de barreira de 1,5% dos votos válidos para deputado federal. O resultado eleitoral geral, com a vitória de Bolsonaro e o projeto que representa, significou uma derrota política estratégica.

7. O PCdoB se empenhou na construção da frente democrática, com a participação de vários partidos e das frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, de lideranças brizolistas, de lideranças dos movimentos sociais e pelo engajamento de intelectuais, artistas e pessoas sem filiação partidária, que se envolveram na campanha contra o retrocesso representado pela candidatura Bolsonaro, compreendendo que a disputa não se dava simplesmente entre PT e PSL e, sim, entre democracia e autoritarismo. Essa movimentação jogou papel nas eleições presidenciais de 2018, no 2º turno.

8. Mesmo com fortes ataques reacionários, o PCdoB se destacou na defesa dos interesses populares. Ressalta-se o desempenho de nossos parlamentares contra derrotas ainda mais nefastas na reforma da previdência em conjunto com a mobilização das forças sindicais nas ruas através da CTB e CGTB. O regime de capitalização, sonho dos especuladores internacionais, não conseguiu ter os votos necessários para sua aprovação. Nas universidades, onde pesa um projeto do atual governo de privatização e desmonte da ciência, há uma forte resistência dos estudantes e trabalhadores liderados pelas entidades estudantis – UNE, UBES e ANPG – que conseguiram vitórias concretas com a utilização dos recursos bloqueados na Lava Jato para a garantia das bolsas de pesquisa. A Amazônia segue ameaçada, ora pela sanha do agronegócio brasileiro em queimar a nossa biodiversidade, ora pelos interesses imperialistas em sugar a riqueza da floresta. A luta pela preservação ambiental não pode ser desconectada da luta anticapitalista.

9. O PCdoB se destacou nas principais mobilizações populares contra o governo Bolsonaro. Na guerra contra as privatizações ganhou destaque as lutas em defesa da CEDAE pública, dos Correios, da Eletrobrás, entre outros. O PCdoB também teve protagonismo na luta em defesa da educação, dos direitos humanos organizando e se

somando às diversas mobilizações populares. As mulheres seguem na linha de frente da resistência antifascista: o partido teve presença marcante nas ruas nas manifestações do #EleNãO, bem como nas manifestações do 8 de março que tiveram a marca da defesa da democracia e dos direitos do povo. Merece destaque a Marcha das Margaridas, mulheres camponesas, e das mulheres indígenas que realizaram um ato unitário em Brasília para pressionar o governo Bolsonaro. A marcha das mulheres negras também marcou a luta antirracista.

10. Articulado com nossa liderança no Congresso Nacional, deputada Federal Jandira Feghali, o PCdoB, de forma unitária cumpriu com um expressivo combate, no parlamento, nas ruas e redes sociais e, com a mobilização da greve geral, através da sua militância, seu mandato na assembleia legislativa, deputada estadual Rejane Almeida, e dirigentes de entidades dos movimentos sociais contra os cortes da Educação e contra Reforma da Previdência.

Balanco das eleições de 2018

11. Ao se apresentar pulverizado em várias candidaturas, numa conjuntura amplamente adversa e marcada por sucessivas derrotas, o campo das forças democráticas e progressistas amargou uma contundente derrota nas eleições estaduais em 2018, no Rio de Janeiro. Nesse contexto, a aliança possível PCdoB-PT caiu no isolamento.

12. Esse quadro teve reflexos negativos na pré-candidatura ao governo do estado de Leonardo Giordano. Importante ressaltar que o partido investiu até o último instante na construção de uma frente mais ampla em nosso estado o que não foi possível, por conta da disputa nacional e da necessidade de coligação proporcional para a Câmara Federal mais vantajosa politicamente. Tais circunstâncias consolidaram nossa posição de retirar a candidatura de Leonardo Giordano ao governo do estado, passando a ser candidato a vice-governador de Marcia Tiburi (PT).

13. O lançamento da pré-candidatura de Leonardo Giordano ao governo do estado foi um marco na construção de nosso partido no Rio de Janeiro, quanto à promoção e renovação de quadros. Mesmo considerando as qualidades do quadro, precisamos reconhecer as limitações e insuficiências da pré-candidatura, que não conseguiu superar o isolamento na pré-campanha diante da polarização inicial entre Eduardo Paes-DEM e Garotinho-PRP. Nosso partido apresentou dificuldades em empreender a agenda e estrutura da pré-candidatura majoritária.

14. Com o resultado da disputa político-eleitoral de 2018, abre-se um novo período político, marcado pela ascensão de forças de extrema-direita à presidência da República, com um governo determinado a realizar uma agenda ultraliberal, neocolonial e anticivilizacional. Entramos em um novo ciclo em defesa da democracia, do Brasil e dos direitos do povo, colocando na ordem do dia a frente ampla democrática e a acentuação do protagonismo do PCdoB, construindo seu lugar próprio, com nova tática e novas políticas de alianças, para o fortalecimento e ampliação da oposição ao governo Bolsonaro, tendo como eixo principal a defesa da democracia. A frente ampla deve incluir, além das lideranças partidárias, coletivos, entidades e movimentos, como a OAB e a CNBB, que queira se somar as lutas democráticas e de direito do povo.

15. Aqui no estado, um novo quadro emerge dessa eleição: o MDB, que deteve a hegemonia nos últimos 20 anos, sofreu a principal derrota. Está fragilizado e sua cúpula na cadeia. Sua bancada de deputados estaduais reduziu (de 15 para 5). O DEM se fortaleceu com o crescimento de sua bancada federal (de 1 para 4) e com a recondução de Rodrigo Maia à presidência da Câmara de Deputados. O PSDB não elegeu nenhum deputado federal. O PSL elegeu a maior bancada na ALERJ, 13 deputados estaduais, a maior bancada de federais, 12 e um senador. O PSC, partido do governador eleito Wilson Witzel, elegeu dois deputados estaduais e um deputado federal. Quanto aos partidos de esquerda, verifica-se uma certa estabilidade nas bancadas, salvo o PT, em relação a 2014: PSOL, PDT, PT, PCdoB e PSB elegeram 11 federais e 16 estaduais em 2014. Esses mesmos partidos, nesta eleição, elegeram 9 parlamentares federais e 13 estaduais. O PT viu sua bancada federal perder quatro (de 5 para 1) e a estadual perder três (de 6 para 3). Verificou-se o fortalecimento do PSOL, mantendo sua bancada na ALERJ (5), ampliando a federal (de 3 para 4) e obtendo 10% dos votos válidos para governador, 3ª posição na disputa. Esse quadro apresenta um crescimento das forças conservadoras com forte presença da extrema-direita. Destaca-se, ainda, o elevado número de abstenções, votos brancos e nulos.

O PCdoB nas eleições proporcionais

16. O centro do projeto eleitoral do partido residiu nas eleições proporcionais, mais precisamente em reeleger Jandira Feghali deputada federal, em reeleger a Enfermeira Rejane deputada estadual e eleger mais um (a) estadual e em alcançar 1,5% dos votos para Dep. Federal. Dadas as condições extremamente adversas, ter sustentado uma votação que nos garantiu manter as nossas posições, constitui uma vitória reconhecida pelo mundo político e pelas demais forças de esquerda. Para tanto, confirmou-se acertada a tática de buscar coligação para federal com o PT. Jandira ampliou sua votação, sendo a mais votada da chapa, consolidando-se como liderança nacional e se destacando também como referência deste campo em nosso estado. Além de Jandira, tivemos a importante participação de 8 camaradas candidatos (as) a federal que somaram à chapa 14.788 votos projetando lideranças relevantes em diversas regiões do estado. Devemos valorizar o êxito de nosso projeto proporcional.

17. Nosso partido logrou êxito na construção da chapa própria de deputados (as) estaduais, o que permitiu reelegermos a Enfermeira Rejane, com força própria, obtendo 140 mil votos na chapa, bem acima do quociente de 110 mil, e projetando novas lideranças, com destaque para Dani Balbi, Tainá de Paula e Marcio Ayer, dentre outras.

18. Esse resultado se deve aos combativos mandatos da Deputada Federal Jandira Feghali e da Deputada Estadual Enfermeira Rejane, bem como ao engajamento da militância partidária, que enfrentou com vigor as vicissitudes da luta em curso e travou intenso debate político com o povo do estado do Rio de Janeiro, conquistando votos para nossas candidaturas e incorporando novos e valorosos camaradas às fileiras do partido.

19. Registramos desempenhos eleitorais diferenciados do partido entre as diversas regiões do estado. Na Região Metropolitana, que concentra 73,25% do eleitorado, o partido concentra grande proporção de suas votações, a saber: nesta região, Jandira obteve 83,98%, Rejane obteve 78,01% e a chapa estadual obteve 86,75% de seus votos. Proporções semelhantes foram obtidas em 2014. A evolução dessas votações também foi diferenciada. Chama a atenção o desempenho na Baixada Fluminense (20,29% do eleitorado), onde tivemos o crescimento (entre 2014 e 2018) de 103,65% na votação da Chapa Estadual e o crescimento de 52,29% na votação de Jandira. Também merece registro o desempenho no Sul Fluminense (Região do Médio Paraíba, com 5,63% do eleitorado). Nela, Rejane obteve crescimento de 73,87% e Jandira evoluiu 66,65%. Também registramos grandes crescimentos nas votações de Rejane e de Jandira na Região dos Lagos (Baixadas Litorâneas, 4,71% do eleitorado) e no Norte Fluminense, com 5,49% dos eleitores. Na capital (39,42% do eleitorado), registramos redução nas votações de Jandira e de Rejane, mas a chapa estadual apresentou crescimento eleitoral de 6,35%, projetando novas lideranças. Importante observar que a Rejane obteve um crescimento de suma mancha eleitoral capilarizando a sua influência pelo estado, e obtendo votos, inclusive, onde não há organização partidária de expressão.

20. A partir desse resultado e no período subsequente, registramos acumulação partidária em algumas cidades, traduzida na projeção de novas lideranças e em novas filiações, como na Capital, São Gonçalo, Niterói, Volta Redonda, Belford Roxo, Nova Iguaçu e Angra dos Reis, o que vem potencializando a construção das chapas próprias para vereador em 2020. Ao mesmo tempo, registramos relações partidárias instáveis com algumas lideranças da chapa de estaduais. Nesse contexto, em Nova Iguaçu, o vice-prefeito, Ferreirinha, candidato a deputado estadual, se desfilou do partido. Além disso, dirigentes do CM se afastaram, o que foi superado com a instituição de nova direção municipal. Em Duque de Caxias, persiste a instabilidade na relação entre o vereador Wendel, candidato a deputado estadual, e o CM que, após o afastamento de alguns quadros, passa por uma transição em seu núcleo dirigente.

21. Dos 10 vereadores eleitos em 2016, Leonardo Giordano, de Niterói, foi candidato a vice-governador; Wendell, de Duque de Caxias, e Cris Gêmeas, de Mesquita, foram candidatos a Deputado(a) Estadual. O Professor Paulo, de São Gonçalo, foi pré-candidato a deputado federal e, mesmo não confirmando sua candidatura, atuou em nossa campanha em São Gonçalo. Um vereador, de Belford Roxo, foi expulso e 4 fizeram

campanha para candidatos de outros partidos, a saber, Tom, de Arraial do Cabo; Camu, de Nova Iguaçu; Zeca do Esporte, de Itálva; Felipe Paiva, de Maricá; e Bira, de Queimados. Esses 4 casos foram encaminhados à Comissão de Controle. Mestre Mola, vereador em Engenheiro Paulo de Frontin, não participou do processo eleitoral, devido a problemas de saúde.

22. As direções dos Comitês Municipais foram decisivas nessa campanha e são chamadas a desempenhar protagonismo neste novo ciclo de acumulação de forças. Está posta a tarefa de forjar direções municipais capazes e unitárias. Torna-se imperioso enfrentar e superar as práticas tendentes a subestimar o papel dos Comitês Municipais, conforme registrado em algumas cidades como Nova Iguaçu e Rio das Ostras, onde os comitês municipais sequer se reuniram durante o processo eleitoral, não discutindo os rumos da campanha em seus fóruns.

23. A capital reúne cerca de 39% do eleitorado do Rio de Janeiro. Este peso eleitoral se refletiu no nosso projeto: nossa chapa estadual obteve 34% e a chapa federal 42% dos seus votos na capital. Assim, a capital constitui a maior base eleitoral do partido. Merece registro uma forte abstenção, mais de 25%, e a soma dos votos nulos e brancos alcançando mais de 13% na cidade do Rio de Janeiro, indicando que grande parcela da população não se sente representada por nenhum dos projetos.

III) O desafio de 2020: Construir alternativa com e em defesa do povo fluminense

24. É preciso reconhecer que, inicialmente, não prevíamos as bases que garantiram a vitória de Witzel e de Bolsonaro no Rio de Janeiro que contaram, para além de sofisticada e vultuosamente financiada campanha nas redes sociais, com uma aliança com estruturas ligadas a setores religiosos, milícias e à extrema direita.

25. O Estado do Rio de Janeiro continua enfrentando a pior crise de sua história! O Governo Witzel nesses primeiros 9 meses foi incapaz de apresentar propostas para atender as necessidades do povo, nem quanto ao emprego e nem quanto aos serviços públicos (como Transportes, Educação e Saúde). Grandes anúncios consistem nas promessas de construir mais 10 presídios e no descartado aterramento da estação do Metrô da Gávea! E resume sua gestão à repressão - caracterizada por um estado policial, que autoriza uma política de extermínio, chamada pelo governador de “abate”, concentrado nas áreas pobres e periféricas da cidade, reproduzindo o racismo estrutural que sempre caracteriza as políticas de “insegurança” pública - e ao discurso falso moralista em relação à corrupção e à questão fiscal, sem apresentar perspectivas para a necessária retomada do desenvolvimento econômico e social.

26. E, mesmo nessas áreas, implementa medidas anti-povo. A política de segurança, por exemplo, apresenta dados alarmantes: no primeiro semestre o número de mortes por agentes de segurança aumentou 46% em relação ao mesmo período de 2018 (Observatório de Segurança, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania). É ainda pior quando observamos o grande número de vítimas inocentes desta política que promove verdadeira barbárie nas periferias da região metropolitana e que termina por vitimar em sua maioria jovens, pobres e negros com a omissão conivente em relação às milícias. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), de cada três mortes por violência no estado este ano, uma ocorreu em ações policiais. Entre janeiro e agosto; 1.249 pessoas foram mortas em ações da polícia no Rio de Janeiro, alta de 16,2%. É um quadro de flagrante violação dos direitos humanos! Ao mesmo tempo, nosso estado bateu um triste recorde histórico: o número de desempregados no RJ, diz o IBGE, chegou a 1,4 milhão, ou 15,3%, no primeiro trimestre de 2019!

27. No momento, todas as forças políticas se preparam para a disputa eleitoral de 2020, num cenário de instabilidade política, com desgaste do governo federal da extrema-direita alcançando as pesquisas de opinião. Isso é agravado pelo desgaste do ministro Moro no episódio do “vaza-jato”, a prisão na Espanha de um militar da comitiva presidencial como traficante de drogas, a crise da Amazônia, o isolamento internacional de Bolsonaro, dentre outros fatos. Tudo isso simultaneamente com a estagnação econômica do país e a verdadeira tragédia social, revelada na alta taxa de desemprego e na degradação das políticas públicas. Verifica-se um descompromisso ou a impotência dos governos Bolsonaro e Witzel, para enfrentar essa situação e abrir perspectivas. Mas o que se revela é um projeto claro de conteúdo autoritário e ideológico. Considerando os fatos recentes que expressam a dicotomia entre soberania e entreguismo, democracia contra autoritarismo, caminhamos

para uma disputa entre civilização e barbárie. Ao mesmo tempo, cresce sob variadas formas, política, social e cultural, a resistência ao projeto autoritário, ultra-liberal e neocolonial.

28. Nesse contexto, o PCdoB indica a construção da Frente Ampla Democrática como o caminho para Brasil barrar o projeto reacionário e abrir perspectivas para o progresso do país. No Estado do Rio de Janeiro diante do caos político e social, o Partido, com suas lideranças e seu projeto, abre um importante espaço político na defesa de uma ampla unidade das forças populares, democráticas e progressistas, na defesa da Democracia, do Desenvolvimento e do Emprego.

29. No Rio de Janeiro temos um duplo desafio de articular as lutas de massas contra o núcleo do conservadorismo bolsonarista e afirmar ideologicamente o campo dos trabalhadores. Uma nova realidade se apresenta, com novos os desafios, o que impõe a abertura e a ampliação do partido, a promoção de novos quadros e o fortalecimento das direções municipais para enfrentar os desafios políticos e eleitorais. O PCdoB é um partido necessário. Mais que nunca precisamos ser consequentes e nos mantermos coerentes em defesa dos interesses imediatos e futuros da classe trabalhadora.

É hora de fortalecer a resistência e lutar para mudar os rumos do nosso estado

30. Mantém-se a orientação de Lutar por Um Rio Desenvolvido, Democrático e de Paz, em torno da qual poderemos aglutinar forças e construir um programa capaz de dar repostas aos anseios do povo fluminense. É nesse leito que se propõe a tática eleitoral para 2020, que possibilite a vitória das forças democráticas e consolide o espaço próprio do PCdoB.

31. O caráter municipal das próximas eleições nos impõe a necessidade do planejamento, estabelecendo prioridades e metas que visem garantir o sucesso eleitoral em 2020 e o fortalecimento do partido, particularmente visando a disputa nacional de 2022. Essa preparação para 2020 ocorre ao mesmo tempo em que devemos ter em conta os outros dois eixos da ação partidária para o momento: a resistência democrática, a estruturação partidária.

32. Aqui, cabe considerar o balanço eleitoral da CPN em seu item 12: “Em perspectiva, o PCdoB precisa dar início a uma nova rota de acumulação de forças no plano eleitoral, passando a cultivar mais fortemente uma base eleitoral própria fidelizada, para ampliar sua representação institucional. Envolve reposicionamentos na estratégia de construção da ação e vida partidária. A cláusula de barreira de 2% em 2022 e progressiva até 2030, concomitantes com o fim das coligações proporcionais, indaga sobre novas formas de construir os projetos, as alianças, chapas próprias majoritárias e proporcionais, e a oportunidade de inscrever na legislação as federações partidárias eleitorais.”

33. Aqui no estado do Rio de Janeiro, ocorre um realinhamento de lideranças com relação às siglas partidárias. No campo conservador, mudanças estão em curso. No campo da esquerda, até o momento, buscam-se alternativas próprias, ainda não consolidadas. O PCdoB, além da vitoriosa unificação com o antigo PPL, tem recebido filiações de várias lideranças egressas de siglas de esquerda.

Propostas de tática eleitoral para 2020:

34. Devemos articular com ciência e arte os seguintes vetores:

35. A construção da frente ampla democrática contra Bolsonaro/Witzel;

36. Reafirmar o lugar próprio do partido, que tem como bússola o Programa Socialista e luta pelo Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento, incluindo as Reformas Estruturais no Brasil.

37. Fortalecer a luta política de massas participando ou construindo agendas de lutas em defesa do Emprego, da Educação, Saúde, Cultura, contra as privatizações, pelos direitos sociais e pelas lutas do povo em temas específicos de cada município. Ganha relevância a luta dos Direitos Humanos contra o genocídio promovido pelo governo Witzel.

- 38.** Ter como centralidade a eleição de vereador nas principais cidades, de modo a ter lideranças com mandato para encabeçarem 2022.
- 39.** A direção estadual deve estimular o lançamento de pré-candidaturas a prefeitura na capital e nos municípios com possibilidade de 2º turno (mais de 200 mil eleitores), nos municípios com sede de emissoras de TV e nos municípios estratégicos para a estruturação partidária e fortalecimento das chapas às câmaras municipais, envolvendo os quadros que atuam nas frentes de massa e os mandatos na construção do projeto eleitoral nas cidades.
- 40.** Participar do intenso debate programático já em curso nas cidades, visando as eleições de 2020, construindo propostas para enfrentar os problemas das cidades e do desenvolvimento econômico com inclusão social, com geração de emprego e renda.
- 41.** Intensificar as ações de diálogos com potenciais aliados políticos, dentro do leque da frente ampla democrática, envolvendo forças da esquerda ao centro, por um Rio, Desenvolvido, Democrático e de Paz, a partir da realidade de cada município.

IV) Sobre a estruturação partidária

- 42.** O desafio de construir um partido enraizado, e que seja uma alternativa de luta em nosso Estado, é uma tarefa permanente, e de toda a direção. Tarefa essa que só daremos conta no curso da luta política. Para dar conta dos objetivos políticos tratados até aqui os comunistas do Rio de Janeiro estão desafiados a construir um partido maior, mais forte, influente e enraizado, tendo o Programa Socialista para o Brasil como bússola para a atuação cotidiana dos comunistas do PCdoB-RJ, na luta pela construção da frente ampla e para conquistar lugar político e eleitoral próprio de nosso partido.
- 43.** Superar o espontaneísmo e o voluntarismo ainda presentes em nossa vida partidária e combater as visões corporativistas e economicistas que relegam o papel do Partido a um segundo plano, exige abordar com o máximo de rigor teórico e dialético as concepções de partido do tipo leninista, ao mesmo tempo em que combatemos a tendência à burocratização do trabalho organizativo, por vezes concebido de forma esquemática e estreita apartada da realidade atual. Enfim, devemos rejeitar as fórmulas prontas, no que toca a construção do PCdoB. Diante da complexidade do momento e da reorganização produtiva imposta pela revolução tecnológica, é preciso criatividade e persistência no âmbito da estruturação do Partido.
- 44.** Trata-se, portanto, de estabelecer em nosso partido uma metodologia de planejamento e controle na frente de construção partidária a ser enriquecida mediante a contribuição da inteligência coletiva. Tal planejamento deve se debruçar e priorizar a construção partidária, levando em conta cada realidade concreta, em cada município ou macrorregião as principais categorias, bairros, empresas, universidades e Institutos que possuem caráter e importância estratégica para a construção do partido. Devemos exercitar a ação planejada que estabeleça metas e prazos, destacando momentos para planejar, executar e avaliar a construção partidária.
- 45.** Construir Direções municipais com vida regular e permanente com vigorosa vida militante de base, que garantam a plenitude de nossa democracia interna e que unifiquem a ação da militância, é prerrogativa indispensável para travarmos o combate de nossos dias. Para cumprir tais tarefas os referidos comitês precisam atuar nas três frentes de acumulação de forças (luta de idéias, institucional e luta de massas), e superar o nível atual de “departamentalização” do partido, construindo maior sinergia entre as secretarias estruturantes: organização, formação, comunicação e finanças, construindo um projeto político sólido que culmine em projetos políticos-eleitorais que ganhem corpo inclusive em setores da sociedade.
- 46.** A tarefa de construir um partido organizado na base permanece atual e por conta da luta política em curso ainda mais necessário. Devemos compreender as Bases do partido como organismos vivos e centros da atuação política da vida militante. Nela, o militante discute a política do Partido, analisa a realidade da área de sua

atuação, buscando construir elo entre a luta geral e as lutas específicas, elabora os planos de ação, opina sobre os documentos e resoluções do Partido, exercendo seu direito à crítica e à autocrítica.

47. É na organização de base que o militante estabelece uma relação entre o partido e a sociedade, onde pomos em prática a linha política do PCdoB, ao mesmo tempo em que passamos a participar ativamente da vida de nosso povo e fazer parte de sua experiência de luta, o que certamente contribui para a elaboração de políticas em sintonia com seus anseios, reforça nossa identidade e consolida o lugar político de nosso partido.

48. O momento exige maior protagonismo dos comunistas na Luta de Idéias. Para tanto, devemos estimular a militância a participar de modo organizado do debate teórico, ideológico e programático em curso no país, nas cidades, junto aos movimentos sociais e junto à população em geral, combatendo as ideias retrógradas, valorizando as ideias avançadas e utilizando linguagem acessível ao povo. Igualmente é preciso fortalecer a nova Diretoria e novo Conselho Consultivo da Fundação Maurício Grabois-seção do Rio de Janeiro, que tem como meta destacada o estudo da realidade do nosso estado, visando a construção do projeto desenvolvimento fluminense vinculado ao Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento, como caminho brasileiro para transição ao Socialismo. É necessário, também, promover maior interlocução com a intelectualidade do nosso estado. Ao mesmo tempo, é indispensável fortalecer a frente de Formação e Propaganda, consolidando Secretários Municipais e viabilizando a formação marxista de todos os militantes desde as bases e em todos os níveis (CPS e Níveis 1, 2, 3 e 4).

49. Diante dos desafios que surgem e que projetamos para o Partido, é importante que tenhamos uma política de quadros atenta ao desafio de promover quadros nas mais diversas instâncias de direção, no âmbito dos movimentos sociais, no campo da luta de idéias e na esfera institucional, pensar e planejar a ação partidária, posicionando militantes em cada frente, que possam jogar um papel mais destacado. Assim, diante das três grandes frentes de acumulação de forças é preciso tratar com atenção especial nossa política de quadros para as mulheres e redobrar a atenção com a organização do partido entre os trabalhadores e na juventude.

50. Sobre a organização do partido entre os trabalhadores devemos engendrar esforços em extrair o máximo de nossa influência no movimento sindical na constituição de força própria de nosso partido, capaz de elevar nosso nível de organização e influência no seio da classe trabalhadora. Para tanto o partido deve retomar os esforços na construção de comitês de categoria e por ramo de atividade, onde as condições para tal já se encontram maduras especialmente, nas categorias em que detemos hegemonia sindical, além de planejar e controlar, mesmo onde não temos hegemonia, a organização de comitês por ramo de atividade, com as bases por relação de trabalho nos distritais. Há de se refletir sobre a organização por ramos de atividade e nossas relações de trabalho, pois o Rio de Janeiro tem um dos maiores índices de desemprego e apresenta uma alta taxa de flexibilização das relações de trabalho (home office, pejetização, uberização etc.).

51. Tal trabalho deve ser conduzido pelos respectivos Comitês Municipais e onde as condições pra construção destes Comitês (de categoria, ramo de atividade ou relação de trabalho) ainda não se apresentarem, devemos reforçar a orientação de que os quadros e militantes em questão sejam incorporados aos comitês distritais existentes, via formação de organismos de bases (O.B) destas categorias, criando interseção entre categorias e organização partidárias de bases geográficas.

52. As forças políticas de extrema direita que ascenderam ao governo central nas últimas eleições travam uma verdadeira cruzada contra a Educação, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura e ao conhecimento. Tal enfrentamento é evidenciado na política de cortes e sucateamento promovidos pelo MEC. Ao mesmo tempo em que o governo acena para os setores mais retrógados da sociedade, gera indignação por parte significativa da sociedade brasileira que produz até o momento, as maiores e mais contundentes mobilizações contra este governo.

53. O PCdoB possui grande influência na Educação em nosso estado, porem tal influência encontra-se ainda dispersa e fragmentada nas atuações setorializadas, de estudantes, professores, técnicos e dirigentes de estruturas

educacionais. A partir do debate realizado no 10º Encontro Nacional de Educação do PCdoB devemos construir a Comissão Estadual de Educação com objetivo de dar maior sinergia a nossa atuação nesta frente congregando os militantes que atuam em todos os setores ou movimentos ligados à educação, e aprofundar o debate no Rio de Janeiro sobre papel da educação na consecução de um novo projeto nacional de desenvolvimento. Para isso a recém-criada Sessão Estadual da Fundação Mauricio Grabois será essencial na assessoria da Comissão de Educação e no debate das ideias e projetos na área.

54. No que diz respeito ao trabalho na juventude, historicamente temos um gargalo estrutural no PCdoB no que se refere ao desafio de organizar os jovens comunistas nos organismos de base do Partido. Um dos fatores é a correta orientação de que todo(a) jovem filiado(a) ao PCdoB com até 25 anos milita e tenha suas tarefas prioritárias na UJS. Tal problema se reflete na insuficiência em realizar sólidas transições dos jovens comunistas oriundos da UJS para a estrutura partidária.

55. Para enfrentar essa realidade que ainda persiste no conjunto das direções partidárias, devemos estimular a participação dos jovens comunistas nos organismos de base, principalmente nas principais Universidades, e dedicar especial atenção ao processo de transição, visto que no último período nosso partido não tem dado conta em sua plenitude de apresentar perspectiva militante aos valorosos quadros que deixam o trabalho de juventude ou simplesmente saem do movimento estudantil, o que resulta no afastamento de quadros oriundo da juventude que têm muitas contribuições a dar ao processo de luta de nosso povo e de fortalecimento do Partido Comunista do Brasil.

56. Aprimorar o funcionamento das direções partidárias constitui instrumento de fundamental importância, no mesmo sentido em que devemos no próximo período aprofundar o debate sobre o funcionamento e acompanhamento partidário. No que se refere ao funcionamento, devemos analisar de forma autocrítica o último período; em várias cidades nosso partido carece de vida regular e permanente, não conseguindo sequer manter uma periodicidade das reuniões de direção.

57. Sobre o acompanhamento das direções partidárias por parte da direção estadual destacamos que, com exceção das regiões do Sul Fluminense, onde existe acompanhamento consolidado e no Norte Fluminense, nas demais regiões o acompanhamento por parte da direção estadual tem sido insuficiente. Reafirmamos que o acompanhamento não pode se restringir a participação de dirigentes estaduais nas reuniões dos Fóruns Regionais, mas que exige maior participação dos quadros dirigentes de nosso partido na construção concreta dos Comitês Municipais.

58. O Comitê Estadual deve construir no próximo período coordenações dos Fóruns Regionais que envolvam os principais quadros dos respectivos Comitês e os dirigentes estaduais destacados para a tarefa de acompanhar, com a perspectiva de fortalecer os Comitês existentes bem como impulsionar o crescimento do partido em cada região.

59. Todos os objetivos listados até aqui podem facilmente traduzirem-se em letras mortas se nosso partido não enfrentar certa cultura da dispersão presente em nossas fileiras, uma das principais motivadoras de nossa crise de realização. Para tanto devemos estimular a cultura do planejamento e do controle da execução do plano aprovado no que diz respeito à estruturação partidária.

Comitê Estadual do PCdoB-RJ

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2019.